

## Relações entre “sair do armário” e processos diretos e indiretos de violência contra mulheres lésbicas

Mariana Soares Pires Melo<sup>1</sup>

### Resumo:

A presente análise é parte de minha pesquisa de mestrado intitulada “Formas de violência contra mulheres lésbicas: um estudo sobre percepções, discursos e práticas” (2016). A partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com 10 mulheres que se identificavam enquanto lésbicas, procurei analisar diversas formas de violência presentes em seus cotidianos e trajetórias de vida. Essas violências classificavam-se tanto como violências diretas, percebidas como físicas ou psicológicas, quanto como violências indiretas, manifestadas em sentimentos como o medo e a vergonha. Neste artigo, aprofundo o debate acerca das formas pelas quais parte de minhas entrevistadas observava a relação entre “sair do armário”, ou seja, contar sobre suas identidades e práticas enquanto lésbicas, e a influência que processos de violência têm nestas experiências que constituem o *eu* de cada uma delas.

**Palavras-chave:** Violência. Lesbianidades. Identidade. Armário.

## Connections between “coming out of the closet” and direct and indirect processes of violence against lesbian women

### Abstract:

This analysis is part of my dissertation named *as Formas de Violência Contra Mulheres Lésbicas: um estudo sobre percepções, discursos e práticas* (Ways of violence against lesbian women: a study about perceptions, discourses and practices) from 2016. I tried to analyze different forms of violence present in the daily lives and life trajectories, taking interviews with 10 women, who identified themselves as lesbians. That violence was classified as direct, when physical or psychological, and as indirect, when manifested by feelings such as fear and shame. In this article I focus on that violence connected to the act of “coming out of the closet” as seen through the eyes of my interviews, in other words, to tell about their identities as lesbian women to people part of their families, work or even friends. It is also important to understand the influence that the process of violence has on the self-construction of each one of them.

**Keywords:** Violence. Lesbianities. Identity. Closet.

### Introdução

“Sair do armário” tornou-se, ao longo de minhas entrevistas, um processo a respeito do qual as mulheres com quem conversei se identificavam de pronto. O ato de “contar” sobre a própria sexualidade a determinadas pessoas, fossem familiares, amigos, colegas de trabalho ou de faculdade, se tornava um ponto chave na manutenção das interações sociais, dado que “ser” lésbica, ou ter práticas afetivas-sexuais com outras mulheres, constituía grande parte de suas identidades, e por isso difícil de ser negada ou escondida.

Nesse sentido, gênero e sexualidade, assim como outros marcadores sociais da diferença muito caros aos estudos sociológicos, atuam como mediadores destas interações e, por vezes, também como mediadores de relações violentas, necessitando dos envolvidos certos manejos

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia (PPGS/UFPB). Pesquisadora do GRAV - Grupo de Relações Afetivas e Violência. E-mail: [melo.mariana89@hotmail.com](mailto:melo.mariana89@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8213-6830>.

em suas agências. Interessa analisar as percepções e discursos que conectam minhas entrevistadas às expressões de violência contra o que Díaz-Benites e Fígari (2009) chamam de sexualidades desviantes.

Aqui, então, reflito acerca destes manejos, destas implicações que se estabelecem entre o “sair do armário” e processos de violência diretas e indiretas (GALTUNG, 1969) percebidas por estas mulheres em suas trajetórias de vida. Em resumo, compreendo que “sair do armário” não é um momento pontual, e sim uma ação reiterada para diversos sujeitos (SEGDWICK, 2007), em diferentes momentos da vida, e que precisa, por vezes, ser defendida como parte real de sua identidade, e não como uma “fase” ou como algo invisível. Esta reflexão dialoga, por exemplo, com os aspectos trazidos por Jainara Oliveira (2016), que nota como para suas interlocutoras, mulheres com práticas homoeróticas dirigidas a outras mulheres, relataram as formas pelas quais o armário pode “se apresentar ora na esfera pública, ora na esfera privada, exigindo, assim, estratégias particulares de manipulação da identidade ligada às práticas sexuais dissidentes” (p. 99). Minhas entrevistadas também contam como é lidar, através dos cálculos do cotidiano, com estas manipulações de suas agências, empreendendo a vida a partir da construção de identidades que socialmente não são passíveis de luto. Tais vidas, para Judith Butler (2015), não são vidas pelas quais nos importamos ou pelas quais choramos, e suas perdas não nos afetam socialmente.

Compreendendo que a violência se estabelece a partir deste controle sobre a sexualidade e, por vezes, torna-se perceptível a partir do sentimento de medo em “sair do armário”, notam-se nas falas das entrevistadas as consequências físicas, mentais ou econômicas que podem ser desencadeadas por diferentes expressões de violência. Tais processos prologam-se no cotidiano, no ordinário da vida, o que me faz refletir junto aos estudos de Veena Das (2007). A antropóloga indiana chama atenção para as formas de lidar, viver e sobreviver com as violências ordinárias firmadas no tempo, e que obrigam os sujeitos a darem continuidade às próprias vidas, apesar das violências cotidianas com as quais precisam lidar.

Ao falar das violências sofridas por personagens que passam pelo processo de Partição da Índia, em 1947, e do massacre de parte da população Sikh em 1984, após o assassinato da Primeira Ministra Indira Gandhi na Índia, Veena Das destaca como as mulheres que vivenciaram estes períodos foram obrigadas a continuarem vivendo mesmo imersas em processos violentos prolongados, e que tinham em seus corpos o símbolo do domínio e do controle de uma nação. Eram os corpos destas personagens que precisavam continuar vivendo com a vergonha e a hostilidade personificadas fisicamente nelas.

É importante escutar “a voz do cotidiano” (DAS, 2007, p. 3 tradução minha), já que um dos problemas, em especial nos momentos de violência extrema, é que estas vozes comuns por vezes se perdem, não só por determinados sujeitos não poderem falar, ou por suas falas serem compreendidas como nebulosa e incompletas (idem, p. 8), mas porque é preciso focar nas violências ordinárias, compostas por tais vozes. Não analisar apenas os eventos excepcionais e grandiosos, mas também os processos que acontecem no dia-a-dia.

Ainda que os eventos extraordinários que levam à violência letal contra pessoas LGBTQI+ precisem ser avaliados com empenho, é necessário também percebermos o estigma e as violências ordinárias baseadas no preconceito com os quais estes sujeitos precisam lidar diariamente, e que compõem a constituição do eu de cada um deles. Aqui, procuro tratar das vozes do cotidiano de algumas mulheres lésbicas que transitam entre violências constantes, cotidianas, físicas e morais, mais ou menos traumáticas, segundo suas percepções.

Ao ouvir sobre suas histórias me aproximo da necessidade do relatar a si mesmo, como colocado por Judith Butler (2017). O ato de narrarem suas vidas, seus momentos importantes, suas identidades como mulheres lésbicas – e sem que isto seja algo fixo, fechado em uma “caixinha”, como me reclamou Iara<sup>i</sup> – gera, em meu entender, a reflexão sobre a vulnerabilidade de seus corpos. Isto se dá não apenas como a percepção da sujeição à heteronormatividade, como sofrimento que paralisa, mas também como resistência à violência.

Minhas entrevistadas me relataram como constituíram experiências imersas nas violências ordinárias, sendo a saída do armário apenas uma delas. Estas experiências se deram em razão da necessidade de continuarem suas vidas como necessitavam, de acordo com seus desejos e com suas vulnerabilidades.

### **Sair do armário e a violência ordinária**

Seja como forma visível ou invisível, a violência em suas variadas expressões, encontra-se presentes na maneira como os sujeitos lidam com suas sexualidades. Neste momento, compreendo violência como um conceito amplo e próximo das reflexões de Johan Galtung (1969). Ele compreende que a “violência está presente quando os seres humanos estão sendo influenciados de modo que suas realizações somáticas e mentais reais estão abaixo de suas realizações potenciais” (GALTUNG, 1969, p. 168, tradução minha). Ele ainda divide a concepção de violência em dois tipos: a direta e a indireta, também chamadas de violência pessoal e violência estrutural. A primeira pode ser observada como aquela praticada diretamente contra os sujeitos, é o caso da violência física, da violência psicológica, daquela

que atenta sobre o corpo, mente ou patrimônio dos sujeitos. A segunda é silenciosa e, por vezes, passa despercebida, especialmente por não ter um sujeito direto que podemos observar praticando, mas sim, uma estrutura social; contudo, é tão ou mais eficaz do que a primeira, pois além possibilita a legitimação das violências diretas. É o caso das agressões motivadas por ódio contra pessoas que estejam fora dos padrões heteronormativos (BUTLER, 2014).

Este sentido vai além da forma de tratar da violência apenas como agressão física ou verbal, mas compreendendo-a como um tipo de ação que restringe a potencialidade de ser de um sujeito, segundo ele “a violência é o que aumenta a distância entre o potencial e a realização, e o que impede que esta distância diminua” (GALTUNG, 1969, p. 168, tradução minha)<sup>ii</sup>.

O autor reconhece que exista certa dificuldade na compreensão da ideia de potencialidade do ser, mas acredito que isso se torne mais claro a partir do momento em que tratamos sobre questões como preconceito, discriminação e estigma com relação a marcadores sociais diversos, como a “raça” e a cor, a geração, a classe, e no nosso caso, o gênero e a sexualidade. Quando uma pessoa precisa por exemplo, manter segredo sobre quem namora por medo de deixar de ser amada pelos familiares, que não “aceitariam” sua identidade homossexual, adentramos aos sentidos que “sufocam” potencialidades de estar no mundo sem medo de sofrerem algum tipo de violência.

Foi possível compreender que diversos momentos das vidas de minhas entrevistadas estavam marcados por cuidados cotidianos, formulações e cálculos para manter em segredo parte de suas vidas, que tratavam sobre preferências sexuais ou relacionamentos amorosos.

Obviamente que isto não significa que estas mulheres não operem agências que estabeleçam outras formas de vida completamente adaptadas e sem amedrontamentos, ou que performem resistência mesmo inseridas em ambientes que considerem violentos. Estas mulheres dão continuidade às suas vidas, mesmo quando imersas em processos de violências mais ou menos visíveis. Contudo, é sempre válido pensar acerca de como estas formas se contrapõem àquelas empreendidas por sujeitos que estejam de acordo com a matriz heteronormativa (BUTLER, 2014).

Neste sentido, estabeleci o recorte sobre o “sair do armário”, pensando ainda a partir do clássico de Eve Sedgwick, *A epistemologia do armário* (2007), para quem este momento é constante, reiterado no tempo, haja vista sempre se construírem novas relações e interações entre indivíduos. Ou seja, deve-se compreender a vivência de uma mulher lésbica (ou de pessoas fora da matriz heteronormativa) como imersas em tensores desencadeados pela posição fora do ideal heteronormativo:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas (SEDGWICK 2007, p. 20).

Ainda para Sedgwick, (2007), o armário configura-se a partir do momento que rígidas regras instituídas por uma heterossexualidade compulsória organizam o espaço público como o espaço da heterossexualidade e relegam ao privado a homossexualidade. Podemos refletir nestes termos também em práticas afetivas e amorosas que estejam fora do ideal normativo, e por isso sejam estigmatizadas, ainda que os sujeitos não reivindicuem determinadas identidades. É o caso de mulheres “muito masculinas” ou de “homens afeminados”.

Atravessadas por marcadores como classe e geração<sup>iii</sup>, minhas entrevistadas trazem em seus relatos histórias que recortam a forma como se percebem e como constituem suas trajetórias enquanto sujeitos políticos, compartilhando segredos, manejando silêncios, relacionando-se com outros sujeitos, questionando significados e categorias impostas sobre suas próprias identidades. Nestas narrativas, o ato de relatar a si mesmo (BUTLER, 2017) opera no sentido de reflexão acerca da própria vulnerabilidade dos corpos fora da matriz heteronormativa, mas também das resistências diárias, mesmo quando diferentes formas de violências se fazem presentes ao longo de suas vidas.

A relação que se estabelece entre as práticas e identidades tidas como homossexuais, a visibilidade dos sujeitos e a construção do *self* em interação com outros sujeitos pode ser estudada em diferentes momentos de suas trajetórias. Por isso, os relatos trazidos pelas entrevistadas pontuam momentos nos quais sentimentos de apreensão e medo se tornam destacados. Isso também se faz claro nos diversos cálculos sobre “como” sair do armário, para quem, quando, etc. O momento em que se toma consciência dos desejos que se projetam fora de um esquema rígido que atrela na mesma lógica o desejo, a prática e a identidade, pode também ser o momento de compreensão de si e de sua localização nas relações sociais. Assim, as experiências dos sujeitos se constituem em meio a tais interações. Neste sentido, relatar a si mesma é uma forma de tomar consciência de si e perceber-se como humano que tem direito ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Isto significa dizer que, como afirmamos, não é um ato isolado, extraordinário, mas “contar”, “assumir”, “falar” sobre seus desejos e preferências amorosas para o outro é uma experiência retomada constantemente porque a matriz heteronormativa tende a prever que todos os sujeitos, parte de nossa sociedade, preenchem as expectativas da heterossexualidade e dos relacionamentos afetivo, sexuais e amorosos condizentes com ela. É no ato de relatar a si mesmas e suas trajetórias que minhas entrevistadas me trazem suas percepções acerca dos

sentidos de suas identidades e momentos chave de vida que se constituíram na relação com violências visíveis e invisíveis.

### **Cálculos cotidianos e a vida que precisa ser vivida**

As trajetórias relatadas pelas mulheres que entrevistei dão conta de experiências de vida que falam do cotidiano, da relação com outros sujeitos hierarquizados de acordo com suas importâncias pessoais, e das formas de manejar a questão da sexualidade como um elemento que precisa ser por vezes escondido, por vezes dito, e por vezes conduzido nas suas histórias de vida. Nisto se desenvolvem críticas, racionalidades e manejos.

Essa ideia de assumir, eu discordo muito. Porque, para mim, a gente assume se a gente fizer algo errado e a minha opção sexual eu não considero como algo errado. Então, eu não preciso chegar para minha mãe ou meu pai e dizer “olha mãe, pai, eu sou lésbica” porque nenhum hétero chega para o pai, para mãe “olha, pai, sou hétero!”. Mas, assim, a maioria das pessoas que têm contato comigo sabe (ADRIANA).

A crítica de Adriana, quando lhe perguntei se ela era “assumida”, se refere ao sentido do termo. Se para ela o significado de “assumir” algo diz respeito a revelar algo errado ou que não deveria estar sendo feito, então, a princípio, colocar-se neste papel de um sujeito que assume este algo e se coloca nesta posição é por si só uma agência contraditória. Essa noção fica ainda mais clara quando ela compara essa necessidade com as expectativas que recairiam sobre ela caso não se relacionasse com outras mulheres, ou seja, se ela fosse um sujeito que se identificasse como uma “mulher hétero”, não haveria qualquer necessidade de “assumir” esta identidade, ela por si estaria posta.

O sentido de “assumir”, porém, vai além da relação entre quebra e reforço das expectativas heteronormativas cabendo para pessoas fora desta matriz, pensar nas possíveis consequências entendidas como resultados da violência ordinária, da violência cotidiana. Para Miskolci (2009), não apenas a homossexualidade ficou relegada desde o início ao segredo, mas também à decisão de esconder ou não esconder suas práticas. O pesquisador lembra que “em contextos heterossexistas, ‘assumir-se’ pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte” (p. 172). Ou seja, a decisão não se dá a respeito de revelar ou não sua sexualidade, mas em esconder ou não esconder algo que foi concebido como desvio, associado a características ruins e que pode (ou podia) apenas manter-se no privado, sob o risco de represálias.

Este foi o caso de Larissa, que relata sua história de “sair do armário” como bastante violenta, e enfatiza para mim como esteve na condição de cárcere privado por um ano. Na

verdade, ela faz a ressalva de que foi “retirada do armário”, e em um processo cuja violência direta foi clara. O primeiro relacionamento com outra mulher, sua prima, aconteceu quando ela tinha 16 anos. Larissa morava em uma pequena cidade do sertão paraibano e sua tia, mãe desta prima, presenciou um beijo entre as duas, correndo para relatar à irmã, mãe de Larissa. Após as primeiras discussões, ela apanhou dos irmãos, chegando a “tirar sangue”, e ficou presa em casa durante um ano, podendo apenas frequentar a escola:

Minha mãe disse que queria que eu tivesse morrido. Dizia que ia se matar e que a culpa era minha. Que eu dei a maior decepção da vida dela. Ela não conseguia imaginar ter alguém como eu. Então, teve a violência física uma vez, mas a psicológica é a pior, você não ver sua mãe olhando no teu olho (LARISSA).

Carolina também não pôde mediar sua “saída do armário”. Em sua fala, a falta do controle e do preparo tornaram a situação mais abrupta, favorecendo a dramaticidade e a agressividade na reação da mãe.

A minha mãe que descobriu, por que na verdade ela é muito bisbilhoteira (...) ela encontrou coisas e presentes que a minha namorada tinha me dado dentro da bolsa do meu violão, aí veio me perguntar. (...) Aí encontrou as coisas, ela leu as minhas cartas (...). Ela botou um perfume no pulso dela, e veio.... Eu só senti o perfume assim! Acordei com o perfume e ela “de quem é esse perfume?”. Eu com o coração na boca. E eu: “Sei lá! Amostra grátis”, uma coisa assim... Aí ela ficou calada, e fez: “quem é Gabriela?”. Foi aí que eu acordei, assim. Me sentei, olhei para ela: “Mãe, sou gay”. Inclusive, nessa época, eu mesma não tinha desconstruído isso em mim da palavra lésbica, eu usei a palavra gay. Aí pronto, aí ela botou para chorar, começou a chorar desesperada, e dizer “Não! Não! Não! Você não é, e não! Isso não está acontecendo, e não!” (CAROLINA).

O sentimento de medo parece recorrente, ele é o que explica “o coração na boca”, seja o medo pela estigmatização, seja o medo da perda do afeto, ou de não preencher as expectativas morais daquele outro que “descobre”, para quem se conta sobre suas preferências amorosas. Obviamente que, como lembra Baierl (2004), existem medos fundados a partir de particularidades ou acontecimentos que geram espécies de traumas, “fruto da história de cada um”, contudo: “Há outros (...) que são medos singulares sim, mas que têm sua construção social definida” (p. 133). Quando o medo é gerado, também se desencadeia o cálculo, o manejo do segredo e, portanto, a supressão da potencialidade, como venho defendendo.

Questionei as interlocutoras sobre os tipos de agressões que sofreram, se algumas figuravam como mais dolorosas, por terem sido cometidas por pessoas mais próximas ou familiares, em oposição àquelas cometidas por desconhecidos. As respostas voltaram-se para a primeira opção; todas reconheceram que as violências praticadas por familiares eram consideradas como piores, mais tristes e dolorosas. Uma delas nota que a depender da pessoa

que recebe a agressão, nem sempre “uma agressão vai ser uma agressão” (SILVIA), seria preciso compreender o contexto que a envolve.

A agressão pode não ser tão dolorosa, segundo ela, se pensarmos na proximidade dos laços estabelecidos entre o agressor e o agredido. Formata-se uma hierarquização da importância daquela violência ou daquele acolhimento e, normalmente, vemos como são os laços familiares os mais importantes. Mede-se e avalia-se a dor e a decepção causada pelo rompimento, como no caso de Larissa, onde, apesar de ter sido agredida fisicamente, a lembrança de sua mãe “sem olhar no olho” teria sido pior.

Quando você está no núcleo familiar, você sente, tem a sensação de que você deveria estar protegida, que são os seus e não sei se por ser do interior ou ser o que eu acredito, eu acho que as relações sanguíneas têm uma certa força maior. Então, você ser agredido por um irmão ou pela própria mãe e ela falar isso, você sabe é aquela filha que está sempre ali, você tenta ajudar, sempre esteve presente, sempre se dedicou, que sempre tentou fazer os seus irmãos crescerem junto com você e eles não aceitarem e por isso você morrer, você ser a pior pessoa do mundo. Porque você gosta de alguém do mesmo sexo que você. Isso é muito doloroso. Você ser realmente penalizada por uma única coisa, então, tudo o que você é e tudo que você construiu até então, acaba ali (LARISSA).

Eduarda também traz em sua fala uma reflexão de como a violência impede a realização do indivíduo de maneira plena. Eu mesma, quando conheci Eduarda a partir de um grupo de amigas que se identificavam enquanto mulheres lésbicas, não soube que ela assim também se reconhecia. A mediação feita por Eduarda era de proximidade e, como eu me configurava na época como alguém que não partilhava laços de amizade mais profundos, esta informação me foi negada.

Um dos elementos de sua narrativa que mais chama atenção é o uso do tempo. Sua saída do armário foi gradativa, durante oito anos, segundo ela me contou. Primeiro contou para os amigos mais próximos sobre seu relacionamento. Em seguida, contou para a família, não sobre o relacionamento anterior, mas a respeito do atual. Quando perguntei a ela sobre a razão pela qual matinha segredo sobre o assunto, ela me contou que

(...) era uma questão que a gente [a primeira namorada e ela] não sabia ainda o que era. A gente foi a primeira uma da outra, então, havia uma série de dúvidas, uma série de medos, uma série de falta de conhecimento sobre mim mesma e preconceito (EDUARDA).

As motivações para estas escolhas relativas ao tempo podem ser diversas. Para Paloma, de 24 anos, uma entrevistada que havia sido casada com um outro homem e tinha um filho, a situação precisou de cuidados para com toda a família, em especial por precisar enfrentar o



preconceito do próprio marido. Mas conta que a única pessoa realmente importante, em suas palavras, era o filho.

Já tinha quase dois anos que eu não tinha nada com ele [o ex-marido], porque eu não conseguia. Assim, eu acho que o preconceito maior que a gente enfrenta no começo, no início de tudo, é consigo mesmo. Aceitação com a gente mesma. Então, assim, eu já estava numa situação que eu não aguentava mais! Sabe aquele negócio dentro de mim? Que até um dia eu cheguei para ele, conversei com ele e disse que não dava mais, que eu não estava aguentando, que era isso. E a gente brigou feio. Ele disse que já sabia e até então ele também não fala mais comigo. Ele quer ver qualquer coisa na frente dele, menos a mim, pela minha opção sexual mesmo, pelo que eu sou. Aí então cheguei, conversei com meu filho, que é a pessoa primordial da minha vida. Depois cheguei na minha mãe e falei o que eu era, meu pai, enfim minha vida é um livro aberto todos sabem o que eu sou (PALOMA).

Ainda mais interessante é o destaque dado por Paloma para a necessidade de “se aceitar”, como se este fosse um processo anterior ao “se assumir”. Se o segundo é marcado pela relação com os outros, no primeiro momento demarcado por Paloma é a necessidade de colocar-se numa interação com o próprio eu. Analisá-lo, compreendê-lo, em suma, participar conscientemente da sua construção. É preciso lidar, enquanto indivíduo, com todas as normas morais que sujeitam tais corpos à determinadas agências como necessárias, corretas, saudáveis, adequadas.

Esse é um processo de sujeição da identidade que se assemelha ao que Foucault (1975) fala sobre a criação e formatação de corpos dóceis. Não basta o ensino e a limitação do corpo, é preciso que ele próprio internalize, quase que no seu inconsciente, que determinadas ações sejam feitas de determinadas formas. A matriz heteronormativa age quase que da mesma maneira; perceber-se enquanto um ser que não segue suas diretrizes, é perceber-se moralmente abjeto (BUTLER, 2014), e é necessário que primeiro “se aceite”, para que se possa dirigir aos outros com força suficiente para não ser novamente subjugado, por isso sair do armário, não é um ato extraordinário, mas um processo contínuo.

### **Segredo, subentendidos e as relações sociais**

“Estar no armário” significa que determinadas pessoas, ou a maior parte delas, não estão cientes da sua sexualidade. Conforme Beatriz, isso importa na medida em que mexe com vários âmbitos da vida desses sujeitos, pois “é uma parte do que você é”. Diversas vezes, a manutenção desse segredo aberto ocorrerá para que não precisem lidar ou sofrer com situações violentas das mais variadas, desde humilhações e piadas até mesmo violências físicas.

Depois que você se aproxima daquela pessoa, que você sabe como é, aí você conta. Por exemplo, aqui na faculdade mesmo eu, de contar mesmo, eu contei

pra pouquíssimos colegas, os outros descobriram. Tem gente que ainda é muito distante de mim que não faz ideia, então... (BEATRIZ).

Erving Goffman (1975) nota que, ao perceber-se como possuidor de um estigma, os indivíduos tidos como estigmatizados são obrigados a lidar com tais estigmas objetivando o sucesso ou no esconder ou no manejo daquele estigma para ao positivo. Considerando, por exemplo, que a aceitação social plena talvez não seja possível: “assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles” (GOFFMAN, 1975, p. 14).

Transportando este conceito para minha análise, há inúmeras variáveis a se considerar para confirmar, negar, esconder ou dissimular sobre um estigma: o cuidado, a percepção de si, a busca por prazer, a manutenção do medo e o uso dos estereótipos, na busca de aceitação dos outros.

Nota-se como se processam os estágios de “sair” para o outro – depois de ter saído para si mesmo: primeiro a necessidade de proximidade, como um tatear pela penumbra; em seguida, a apreensão de como aquela pessoa é, seus preconceitos, suas visões de mundo, provavelmente quais as moralidades expressas por ela em relação à homossexualidade; e, por fim, “contar”, sem esperar necessariamente que haja acolhimento. Um cuidado de si, mas um processo de alerta e julgamento que provavelmente dificulta a abertura e o nascimento de amizades ou laços mais fracos, tanto que Beatriz avalia ter “pouquíssimos colegas” em meio a tal processo.

A partir daí dois elementos surgem como importantes nestas mediações para que se possa dar continuidade a própria trajetória, sem deixar o afeto e as relações sucumbirem: o segredo e o subentendido.

Para Georg Simmel (2011): “Apesar do segredo não estar diretamente ligado com o mal, este tem uma conexão imediata com o segredo: aquilo que é imoral se esconde por razões óbvias (...)” (p. 100). Nota-se que a definição de imoral se faz dentro da sociedade e é ela que determina o que é normal e o que é patológico. Pensando na visão histórica sobre a homossexualidade e os diversos preconceitos envolvidos sobre o tema, é possível entender o receio e a necessidade de manter o assunto como segredo. Por outro lado, compartilhar um segredo, como lembra Simmel, faz com que as pessoas compartilhem de relações mais estáveis, que estabeleçam regimes de confiança e honraria pela sua partilha.

Quanto ao que se deixa subentendido, meio exposto, mas não dito, pode ser compreendido como a forma de lidar com a violência ordinária sobre a qual baseamos nossa análise. Seja por vontade ou necessidade, silenciar ou mentir sobre sua sexualidade, tanto

permite que mulheres lésbicas se desvencilhem de maiores dificuldades em suas vivências, quanto reflete a existência de violências palpáveis contra elas. Não contar ou não aparentar (naquele sentindo de manipular um estigma), torna-se, em diversos momentos, um cálculo doloroso: dói mais esconder e viver constantemente atento ou enfrentar as possíveis discriminações por não ter se escondido? Foi o cálculo feito por Eduarda na decisão de contar que era lésbica:

Foi num momento de raiva, porque eu sei que eles evitam falar a respeito, então eu juntei uma coisa com a outra: “Vocês não querem falar. Sabem, fingem que não sabem. Então tenham certeza e continuem não falando”. E foi o que aconteceu, continuam não falando (EDUARDA).

Destaco na fala de Eduarda que “muita gente já sabia, inclusive sem eu dizer”. Isso estaria próximo do que entendemos como subentendido. Não expressar diretamente determinado discurso não significa que ele deixe de ser compreendido, como foi o primeiro relacionamento de Eduarda para várias pessoas. Talvez por isso ela trata de sua saída do armário como algo “gradativo”; era algo sabido, mas não dito, que precisaria ser falado diretamente, e que ainda assim enfrentava dificuldades de ser apreendido como real.

A intensidade dos laços também aqui pode significar variações quanto às formas de manter segredos ou deixar elementos subentendidos. O medo de perder a proteção amorosa pode ser um desses fatores, mas outro fundamental é a dependência financeira, especialmente para as mais jovens.

Neste aspecto, as interlocutoras trazem à tona a necessidade de “liberdade” financeira como forte elemento para que possam expressar livremente sua sexualidade. Algo como “não dever nada a ninguém” permite que, mesmo não se desvencilhando de preconceitos, possam resistir, responder ou reagir ao menos no que diz respeito às pessoas que as sustentam.

Olha, você quer viver a sua vida independente de ser homossexual ou não, você quer viver a tua vida? Sua independência começa pela independência financeira. Não tem outra saída, nesse mundo que a gente está, capitalista, você tem que se virar, não dá pra ficar dentro de casa e sendo sustentado pela família e querer que o outro engula você de todo jeito. É meio incoerente, né? Liberdade dá independência com os pais ou pessoas de quem você depende financeiramente (IARA).

A noção relatada por Iara é compartilhada por outras interlocutoras, como Silvia, minha entrevistada que na época contava 67 anos, e que saiu de casa ainda jovem, sem depender financeiramente dos pais, em uma época em que o casamento com um homem que a sustentasse era o esperado pela família como o destino de toda moça jovem. Além da questão do dinheiro,

Silvia lembra da noção do prestígio, pois a partir do momento em que vira professora, ela adquire um status positivo para eles.

Eu costumo dizer que eu agradeço muito a Deus pela minha vida, inclusive foi uma intuição muito grande que eu tive logo cedo, de que eu tinha que me organizar bem, pra sofrer menos, [...] então, mas assim, eu consegui me enquadrar um pouco e conquistar espaço social, eu sempre trabalhei, logo cedo eu tive a minha autonomia, isso te dá muito fôlego, você ter a sua independência financeira, você se manter, não precisar tá pedindo nada a ninguém, você saber que não mora às expensas de ninguém, saber que não depende do outro, isso te dá muita calma.

A dependência financeira de familiares ou outros sujeitos aponta para a atuação de outros elementos, não apenas o afeto familiar, que parecem influenciar constantemente na decisão de assumir a sexualidade para o outro, pois permite o afastamento quando necessário, e “desata” a dependência.

A necessidade de manter vínculos, interações, constituir outras formas de laços que garantam sociabilidade e estabilidade, acabam sendo fundamentais para que estas mulheres tenham opções a quais recorrer caso precisem. Seja na construção de laços amorosos e afetivos, seja na manutenção de laços familiares.

### **Considerações finais**

Se, por um lado, a temática da violência se apresenta de forma extremamente ampla, enquanto objeto sociológico; por outro, as questões que envolvem gênero e sexualidade são reflexos de inúmeras representações e disputas de sentido quando tratamos da construção social do sujeito e da forma como ele passa se construir entre estas interações. Pensar esses dois temas em conjunto significa, então, pensar assuntos delicados, tanto pela amplitude de ambos, quanto pela necessidade de os compreendermos enquanto processos. Nesse sentido, não tomamos a percepção das mulheres aqui entrevistadas como elementos prontos e acabados e, sim, como expressões e construções que, com absoluta certeza, se modificam no tempo e no espaço.

Encaixar-se numa caixinha específica traz uma série de requisitos de papéis sociais capazes de limitar o devir, a expressão e o mundo íntimo da sexualidade dos indivíduos. Ainda que as interlocutoras consigam no momento relativizar bem as situações e mesmo posicionarem-se de forma mais contundente e aberta em relação às suas práticas homoeróticas e identitárias, o processo de aceitação de si, que se liga diretamente com o fato de “sair do armário” ou assumir-se lésbica, nem sempre foi natural ou simples. Na verdade, elas apontam para situações que vão desde pequenos transtornos tratados com algum gracejo, até claras situações de abuso, bem como circunstâncias não percebidas por elas como violentas, mas que

se caracterizaram como relatos de controle e agressões sutis, como por exemplo, verem-se obrigadas a ter um relacionamento invisibilizado pelos familiares.

Além disso, percebe-se claramente a centralidade do núcleo familiar em suas reflexões e a importância de “sair do armário” para eles. Mesmo sendo um processo que precisa ser repetido a cada novo sujeito conhecido, é para os familiares que se dirigem as maiores expectativas de acolhimento. Por outro lado, também parece ser através deles que se constituem as maiores decepções e quebras de expectativas.

Ao relatarem suas histórias, estas mulheres passam a falar de vidas que devem ser entendidas como vidas passíveis de luto (BUTLER, 2015), pelas quais devemos nos importar, deixar que sejam vividas em suas potencialidades. Conscientemente ou não, tais vidas “assumem” *rostos* (BUTLER, 2017) com quais nos identificamos. É necessário que tais histórias sejam contadas, para que tais processos de perceber o outro como humano se fortaleçam, e ainda que precisemos lidar com o ordinário da violência, a vida ainda valha a pena ser protegida e vivida.

## Referências

- BAIERL, Luzia Fátima. **Medo Social: Da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo: Cortez: 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2014.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto**. Tradução de Sérgio Lamarão e A. M. da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2015.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética**. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica: 2017.
- DAS, Veena. **Life and Words: Violence and the descent into the ordinary**. Berkeley: University of California Press: 2007.
- DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. FÍGARI, Carlos Eduardo (Org.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Gramond:2009.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes: 1975.
- GALTUNG, Johan. Violence, Peace, and Peace Research. **Journal of Peace Research** **September**, setembro de 1969. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002234336900600301>. Acessado em: dezembro de 2019, p. 167-191.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar: 1975.

MISKOLCI, Richard. O Armário Ampliado: Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero**, v. 2, n. 9, julho de 2009. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/88/64>. Acessado em: março de 2015, p.171-190.

OLIVEIRA, Jainara. **Prazer e risco nas práticas homoeróticas entre mulheres**. Curitiba: Appris: 2016.

SEDGWICK, Eve K. Epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n 28, janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acessado em: dezembro de 2019, p. 19-54.

SIMMEL, George. A Sociologia do Segredo e das Sociedades Secretas. *In*: MALDONADO, Simone Carneiro (Org.). **Georg Simmel: sentidos, segredo**. Curitiba, 2011. p. 109-139.

---

<sup>i</sup> Todos os nomes referentes às entrevistadas, bem como os nomes citados por elas, foram modificados.

<sup>ii</sup> Tradução do original “(...) violence is present when human beings are being influenced so that their actual somatic and mental realizations are below their potential realizations”.

<sup>iii</sup> Minha entrevistada mais velha foi Silvia, com 67 anos, e as mais jovens Beatriz e Adriana, com 22 anos. A maior parte delas contava com ensino superior completo, três delas com pós-graduação, duas delas com ensino fundamental e uma com ensino médio.